



Gaiato

AVENÇA



PORTE
PAGO

Quinzenário * 12 de Fevereiro de 1977 * Ano XXXIII — N.º 859 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

Terceira idade

A carta que a seguir se publica é paradigma de uma situação milhares de vezes repetida por esse País além.

Motiva-nos especialmente dá-la à estampa, tal qual nos chegou, esta espécie de parentesco do signatário: ele foi pupilo da Casa Pia de Paço de Sousa, que deu lugar a esta Casa do Gaiato. Uma espécie de antepassado dos nossos Rapazes de hoje que, no declinar da vida, sem viver propriamente na miséria, sofre de carências que as estruturas sociais não estão preparadas para remediar.

Sabedor, por certo, da existência do Calvário, ele confundeu-o, como aliás muita gente, com uma casa para a terceira idade, ignorando que o seu carácter específico é o Doente incurável e sem família, ou de facto abandonado. Outra lacuna social que não tinha resposta e cremos não ter ainda entre nós senão esta e algumas Casas similares que foram fundadas à sombra do pensamento de Pai Américo.

Se a velhice e a solidão são peso difícil de suportar, o que não será não ter outra companhia e outro bafo senão o sofrimento e este sem mais esperança senão a aceitação confiante que Deus dá. Mas Deus quer servir-se dos homens e no caso serviu-Se de Pai Américo — eis o Calvário.

Mas deixemos ao leitor as pistas que a leitura da carta lhe abrir. Quem dera que houvesse mais caminhos de acção e de resposta à angústia que ela propõe!

«Tendo eu nascido em Penafiel a 22 de Maio de 1913 e depois educado nessa Casa que antigamente era chamada Casa Pia de Paço de Sousa, venho dirigir-me a V. para o seguinte:

Não tendo família e sabendo que tem aí uma organização para velhos, aonde têm a sua casa e toda a assistência, menos os gastos, que isso posso acarretar, porque sou reformado, podendo pagar 3.000\$00

Cont. na QUARTA pág.

Tribuna de Coimbra

• São também nossas as dores das mães dos nossos. Quando chegam carregadas de luto com os filhos ao colo e pela mão e os olhos vermelhos de comer lágrimas; quando vêm acompanhadas por homens da rua e se apresentam com ares de grandeza; quando no seu olhar e no seu aspecto se vêem os sinais do alcoolismo a roer-lhes a vida; quando ficam pelas esquinas ou se sentam nos muros e os filhos fogem de lhes aparecer; quando aparecem com atitudes de exigência a tudo aquilo que damos e fazemos gratuitamente e somente por amor. São dores delas. São dores nossas. Deviam ser dores de todos.

E porque entendemos que deviam ser dores de todos é que as revelamos. Se não, devíamos calar-nos, fazer silêncio e pedir perdão.

Ai de nós se a nossa recompensa fossem os frutos da terra! Ai de nós se a nossa confiança fosse o resultado à vista do nosso trabalho! Ai de nós se a nossa esperança fossem os gestos

de gratidão! Onde estaria a força interior que nos tem de arrastar, mesmo quando os sinais dos tempos nos querem impedir de caminhar? O grande sinal da nossa esperança tem de continuar a estar no Nome do Senhor; do Senhor que fez o Céu e a Terra, do Senhor que nos convida a partilhar das Suas maravilhas.

• Se temos de fazer nossas as dores das mães dos nossos, também sentimos no íntimo da alma as alegrias que elas querem partilhar connosco. A carta da Mãe do Jorge tornou-nos mais leve o peso grande do dia de hoje.

Ei-la:

«Junto envio um vale de 1.200\$ que é proveniente de um mês de pensão de sobrevivência. Ao fim de 22 anos de viuvez, graças a Deus que se fez justiça.

Sou uma das muitas mães que ficaram viúvas e com filhinhos pequenos para criarem e sem mais nada terem que dois braços para trabalharem.

Não, não foram só os meus braços, também sim almas generosas que me ajudaram a levar a cruz. E a minha cruz maior era, para trabalhar, ter que deixar os filhos na rua. Alguém me falou na Casa do Gaiato e um dos meus filhos para aí foi, aí esteve cerca de nove anos. Hoje é casado, tem uma menina, não vos esquece, embora seja descuidado a escrever-vos, mas a semente lá está.

O meu filho disse que nas passadas férias ia aí. Afinal ainda não foi desta vez. Por isso, aqui estou a mandar-vos o vale e pela camioneta vou mandar umas roupinhas usadas.

Peço a esmola de uma oração pelos meus filhos, em especial por aquele que também é vosso filho.»

Recordo o dia de há 21 anos em que a mãe do Jorge o veio trazer. Teve de repartir outros filhos por outras casas. Vinha carregada de luto e da vida dos filhos. Recordo as lágrimas de

Cont. na TERCEIRA pág.

A nossa FESTA

Há quatro anos que o sino dela não repenicava por estas bandas.

Em 1973 combinámos que, a partir de então, para o Centro e Norte, uma vez faria a Festa a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, outra a de Paço de Sousa. E cada qual, no ano da sua mordomia, visitava a cidade da outra Casa: Porto e Coimbra. Assim, em 74 e 76 — pois em 75 todos jejuámos de Festa — foi à Casa de Miranda do Corvo que coube a tarefa, de que se desempenhou muito dignamente. Este ano é Paço de Sousa. Veremos como se portará...

A faina dos ensaios já começou. Vamos lá que, até ver, não se nota grande reboliço!

Um problema é o da limitação do naipe dos actores:

Todos os estudantes para além da Primária não podem participar do elenco, pelas perdas de aulas que a «tour-née» implicaria. São os do Lar; são onze à noite no Liceu de Penafiel; e os da Telescola. Julgo que os «Batatas» vão ter uma actuação mais larga que o costume, o que não desagradará a ninguém...

Mas tudo isto são suposições, porquanto uma invariável se mantém tal: eu estou a leste de tudo, a não ser do roteiro da volta, que acaba sempre por se estender mais do que queria. Júlio já elaborou e escreveu para as terras onde se pensa ir. Julgo que até ao fechar deste número chegarão respostas e ainda nele se indicarão datas. Para já, o Coliseu, que será, muito provavelmente, em 24 de Março. E em pro-

jecto estão Braga e Famalicão e Monção e Lamego e Espinho e Oliveira de Azeméis e Aveiro e Amarante e Penafiel, onde contamos estrear.

Há dias, passando por Ovar, ouvi reclamações: — «Então vocês foram cá mal recebidos, para não virem aqui há tantos anos?»

E na Póvoa: — «É certo que aquela vez que cá

vieram, o público não correspondeu em afluência; mas explicou-se pelas muitas coisas que havia nessa noite. Não é razão para não tentarem outra vez...!»

E hoje mesmo, sem ainda nada ter soado da romaria das Festas para este ano, o correio trouxe-nos este desabafo de Rio Maior onde contamos legião de amigos: «Porque será que nós, os Riomaiorenses, não temos o gosto de ver uma Festa dos Gaiatos cá, nas nossas casas de espectáculo?»

Cont. na QUARTA pág.



Foi à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo que coube a tarefa, o ano passado, de que se desempenhou muito dignamente.

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

CONVÍVIO — Hoje ouvimos dizer muitas vezes, e com palavras bonitas, que o Natal deve ser e acontecer todos os dias. O Natal é sempre que o homem queira.

Mas até ao momento presente, estas palavras têm sido levadas bastante pelo vento.

Parece que cada um tem procurado remediar-se o melhor que tem podido.

Mas, os nossos amigos de Coimbra e arredores quiseram mostrar-nos e provar-nos que o Natal é realmente algo de belo e bom que deve ser festejado com muito amor e muita alegria.

Festa, convívio, amor, sem dúvida, foram estas particularidades de alegria que trouxeram os Amigos.

Todos os anos, pela quadra natalícia, um grupo dos nossos Amigos da zona Centro vem a nossa Casa partilhar a sua alegria com os irmãos Gaiatos e a sua boa disposição. Este ano, claro, também não podiam deixar de vir. Vieram, e de que maneira! Só couberam fora de casa; e porque temos largos pátios e ruas amplas.

Assim, no dia 9 de Janeiro, logo de manhã, a azáfama era acelerada: limpeza das camaratas, salas de jogos e refeitório; o cozinhar do nosso almoço e da canja que com o maior prazer oferecemos aos visitantes; um grupo de «Batatinhas» teve a manhã ocupada, ensaiando para que à tarde pudessem mostrar as suas habilidades; e muitos outros ocuparam esta manhã fazendo os mais variados trabalhos. Almoçámos e arrumámos tudo depressa e bem.

A multidão começou a chegar e a concentrar-se frente aos azulejos.

A celebração da Santa Missa foi no lugar do costume. Nos azulejos pôs-se uma mesa que serviu de altar; acarretámos cadeiras e bancos para o largo por onde se distribuiu a assembleia. Assembleia muito viva e expectante.

O já habitual coral de Santa Cruz quis este ano que o nosso coral tomasse a dianteira. Os cânticos foram cantados e tocados de maneira extraordinária. O decorrer da celebração foi mais vivida e a assembleia ficou maravilhada com a voz melodiosa dos Gaiatos.

Acabada a celebração litúrgica, fez-se arraial.

O Grupo Folclórico Infantil dos Moinhos presenteou-nos e a todos os presentes, com uma agradável exibição de danças e cantares em que sobressairam os temas populares. A seguir os espectadores tiveram o prazer de ver a actuação dos «Batatinhas» que são «aquela máquina!» E para terminar vieram outra vez números folclóricos do Rancho Infantil, que deram ainda mais animação à animação por todos criada.

Findas as festas da alma e do espírito vai-se para a festa das mesas — é altura de tirar o estômago de misérias. Mesas repletas. O prato da casa que era constituído por vinho genuíno, pão forte feito na nossa padaria e azeitonas talhadas e curtidas pelos nossos rapazes.

Havia também hacalhau «fiado» em

pires e pratinhos com tremoços. Toda esta ementa foi sabiamente apreciada e saboreada pelos amigos.

Isto não falando da canja, cuja receita nem nós conhecemos; e, no entanto, estava uma maravilha de canja. Os amigos deram-nos tudo quanto era doces e sandes. Deram para todos mas, havia muitas barrigas sem fundo.

Enfim, foi uma festa. O refeitório, a cozinha, os corredores e a sala de costura estavam a abarrotar.

Havia paz, amizade, encontrões, empurrões e apertos para se chegar ao comer e beber.

Mas todos chegaram. E chegou para todos. Era já noite quando a caravana de carros começou a deixar o nosso campo de futebol.

Os que vieram partiram felizes. Com eles partiu a esperança de no próximo ano trazerem mais amigos.

Nós ficámos. Conosco ficou a alegria, a confiança e a esperança, porque soubemos e tivemos um exemplo prático de que há pessoas que gostam e querem repartir os momentos de alegria conosco; e querem também dizer-nos que o Natal é um dia... É sempre que o homem queira.

Benjamin e Nicolau

Paço de Sousa

ANTIGOS GAIATOS — Recebemos, e já não era sem tempo, a visita, que muito nos congratulou, do nosso antigo «Portimão». Como tem férias só pela época do Natal resolveu visitar-nos.

O nosso desejo é que ele se sinta bem e feliz.

Felicidades é o que mais lhe desejamos.

CHUVA — Temos tido chuva a valer. O Inverno não perdoa!

A chover torrencialmente, mais o vento a fustigar as árvores, quase tudo parece um mar! Até agora pedíamos chuva... Tenho a impressão de que já chega!

Mas, Deus lá sabe...



A cozinha é sempre o mais quente sector das nossas Comunidades! Tudo quanto mexa com a barriguinha... Eis a de Paço de Sousa, com Rogélio e «Esticadinho» no comando.

FESTAS — Os ensaios continuam. Muitas tarefas temos de cumprir: arranjar roupas, decorar papéis, músicas, etc.

Fazemos os possíveis para que as nossas Festas agradem aos nossos Amigos.

Na nossa tipografia os cartazes estão em preparação. Não se alarmem, pois nós gostamos de dar tempo ao tempo.

O Júlio trabalha incansavelmente na programação da «tournée!» E na publicidade junto das populações que nos acolherão de Aveiro a Monção, passando pelo Coliseu do Porto — a grande noitada.

Esperamos que as Festas dêem aos nossos Amigos a maior alegria e boa disposição!

AULAS NOCTURNAS — Continuam a decorrer, e vão menos mal, as aulas nocturnas em Penafiel. Nós, os estudantes, temos andado um pouco atarefados com as provas de avaliação — as primeiras do ano lectivo praticamente de 76/77! Mesmo assim ainda nos faltam dois professores: um de Francês, outro de Desenho. Queremos agradecer ao nosso P.e Moura o sacrifício que faz como condutor do nosso veículo e o tempo de espera, durante quatro horas! Obrigado.

MÁQUINA FOTOGRAFICA — A Redacção do «Famoso» queixa-se de que não tem máquina fotográfica para as reportagens sobre a hora.

Uma máquina fotográfica é indispensável em qualquer jornal do século XX, para a ilustração dos textos.

Deixamos este apontamento, com a certeza de que mais dia menos dia a máquina virá às nossas mãos. Obrigados!

«JANOTA» — Pelo nome, vê-se mesmo que é um tipo sempre bem arranjado. É o «Janota»!...

Trabalha no jornal. Quase ninguém consegue vencê-lo a trabalhar. Depois, se o colega do lado lhe tira algum exemplar que dobrou, começa logo a «mandar vir».

Quase sempre brinca sózinho.

E este talvez seja o ponto fraco do nosso amigo «Janota». É, também, um bom cantor. E não sei, até, porque ele se queixou de que o não deixam andar nos ensaios das festas. Disse-lhe que tivesse calma, que para a próxima vez o convidaria a participar. Como é cantor tem umas canções de sua autoria; por exemplo: «A primeira Caminhão»; outra, não menos má, «Apuseram lá as Falores». Como vêem o nosso homem é um cantor de classe!

Gosta muito de ver os amigos que nos visitam. E como ele gosta tanto de rebufados...

Bom, aqui fica um apontamento do nosso amigo «Janota», que me tem andado a perguntar como e quando é que eu o «metia» no jornal.

Pronto, «Janota»; aqui fica o apontamento. Espero que não fiques triste por não dizer mais coisas...

Acho, até, que não vale a pena. As desgraças... são o pão nosso de cada dia!

Até breve, leitores!...

João Capela

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — Damos graças a Deus. Só Ele é capaz de fazer estas maravilhas como incentivo à nossa fé e esperança, tendo como suporte, também, uma caridade imperfeita. Perfeita é só uma: Deus. Deus *charitas est*.

Durante o ano de 1976 fomos recoiteiros de 156.445\$90, assim discriminados:

Receitas — Saldo do ano anterior, 2.606\$80; por intermédio de O GALATO, 149.940\$00; e diversas, 3.899\$10.

Despesas — Socorros em géneros, 55.654\$80; em dinheiro, 61.937\$50; roupas, 620\$00; medicamentos, 5.457\$80; contribuição para o Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo, 2.880\$00; pequenos auxílios a sete Auto-construtores, 20.657\$50; e diversas, 2.881\$50.

O saldo para o ano corrente já está na lareira dos Pobres: 6.356\$80.

Sim; as Conferências vicentinas não capitalizam, mas distribuem racionalmente com oportunidade. Por via desta preocupação constante jamais poderá falar aos nossos Pobres o fundamental.

Mais; desde que procuremos a Justiça — pela caridade e pelas vias legais — o Senhor faz das pedras pão. O Seu tesouro está bem patente na generosidade dos nossos leitores que, durante o ano, entre hinos e hossanas ao Mandamento Novo contribuíram com 149.940\$00. Tantas sobras, votos, salários e sacrifícios anónimos; até reuências heróicas de quem tira à sua para a boca dos Outros!

Uma centena de contos deu vida a quinze lareiras; o mínimo de subsistência a cerca de quarenta Pobres, que teriam fome se não acudíssemos pressurosamente. Isto é preciso que se diga, para quebrar o gelo e a cegueira de certa mentalidade egoísta que aflora, aqui e ali, em

várias classes e comunidades ditas cristãs!

A propósito: medidas as distâncias e as características sócio-económicas dos dois países, vale a pena transcrever algumas considerações acerca de um «documento de inegável valor pastoral», publicado pelos bispos canadianos, «sobre o compromisso social e político dos cristãos».

Ouçamos:

«A existência de grupos humanos e indivíduos na pobreza e na miséria no interior das sociedades industrializadas e ricas não pode ser um facto perante o qual os cristãos fechem os olhos passando ao lado. Pelo contrário, devem passar das palavras à acção e empenhar-se na modificação de tais situações.

«Há necessidade de estarem atentos às pessoas que vivem à nossa volta, de denunciar as injustiças e se empenhar na luta contra as suas causas, e de socorrer os Pobres oprimidos.

«Os bispos focam a urgência de uma conversão que leve as pessoas a procurar descobrir o verdadeiro sentido evangélico sobre a justiça e a modificarem o seu estilo de vida próprio de pessoas que vivem na abundância.

«De facto — e passamos a citar os bispos do Canadá — «vivemos numa sociedade que nos incita a consumir e a dissipar em extravagâncias, enquanto uma parte importante dos nossos Irmãos vivem na pobreza. Como cristãos somos chamados a afastar-nos da procura de nós mesmos e dos tesouros materiais... A simples passagem a uma vida menos luxuosa não corrigirá por si só as desigualdades e as injustiças flagrantes do nosso tempo, mas poderemos renovar os nossos espíritos e abrir-nos às inseguranças profundas em que vivem os Pobres dos nossos meios».

E ainda há quem diga que a Igreja está fechada em copas!

PARTILHA — De Fátima, 100\$00 e muita compreensão pelos problemas que damos à estampa. Ai está o valor! Calçada da Ajuda, Lisboa, 200\$00 de Serra. Oliveira do Douro:

«(...) Cheque de 300\$00 que farão o favor de aplicar da maneira que acharem mais conveniente. O anonimato habitual.

E que esta gota possa de algum modo contribuir para uma mais estreita união espiritual com todos os nossos Irmãos.»

Voto cristão!

Santarém, 150\$00. Mais uma presença lisboeta, que partilha com os Pobres e afirma solenemente: «Que a mão direita não veja o que a esquerda dá. Anonimato, claro!»

Um cheque do assinante 15693. Covilhã, 350\$00. Assinante 14400, 50\$. Mais Lisboa com 100\$00, e uma afirmação: «O GAIATO é sempre recebido com alegria». Mais Lisboa, rua de S. Ciro, 50\$00. Chegaram a salvo! O mesmo de Coimbra, assinante 31536, com indicação oportuna: «para ser aplicado na forma que



Do que nós necessitamos

Continuamos de número anterior, no acusar recepção aos donativos chegados e de que temos conhecimento, pois alguns há, que de tão escondidos, não sabemos como, de quem e donde vieram. Vamos a eles:

Vale de 5.000\$. Mais 100\$ em selos de correio. Por alma de Deolinda Ferreira, 100\$. De «uma Alentejana», 2.000\$, sendo metade pró Calvário. Quinhentos da assinante 3384, do Barreiro. Anónimo com 100\$ sufragando a alma de Adélia Cardoso. Mais 1.000\$, por alma de Hernani Borges. Os 100\$ do costume, com a legenda «A promessa que a minha gratidão não esquece». Cem de Lisboa. E 600\$ da «Mãe que crê em Deus». Mais os Amigos do Bairro da Pastelaria que pelas mãos da sua recoveira, cá fazem chegar as suas «migalhinhas» e o seu carinho. E 800\$, 100\$, 600\$, e 500\$ pró Calvário.

«Ao aproximar-se mais um Natal, os funcionários da Caixa Têxtil reuniram migalhas que somaram 7.000\$, quantia que enviam para a Obra que de há muito admiram.» Bem hajam pela vossa amizade. Por alma de António Santos, 150\$. Vestuário de casal anónimo. Cem «por alma de meus queridos pais, Alice e Adriano Luz». Com o carinho de Anadia, 240\$. De uma Avó de Coimbra, por duas graças que recebeu por intermédio de Pai Américo, 120\$. Sufragando a alma de Ana da Conceição, 50\$. Igual quantia de quem pede que «rezem pela alma de minha mãe e pela boa sorte duma futura mãe, para que tenha um bebé perfeito». Trezentos de Beatriz, em acção de graças por ter sido reformada. E mais uma palavra de reconhecimento aos bons Amigos da Padaria S. Romão — Ribeiros Altos, que muito e variado pão

nos têm dado, durante a ano. Em Vila do Conde, na Festa de Natal levada a efeito, recebemos 2.500\$, 10 quilos de manteiga e 20 quilos de queijo. Através da Drogaria Oliveira, 700\$ dum anónimo. De Teresa Soares, 500\$. De duas irmãs, 200\$. Valadares com 50\$. Anónima de Leiria com 1.000\$. De Pardilhó, 20\$. Da Casa do Pessoal da Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto, recebemos o donativo de 11.685\$.

Funcionários do Banco Pinto & Sotto Mayor — Filial do Porto, enviaram, com muito carinho, cheque de 4.835\$, a dividir pelo Calvário. Monteiro, do Porto, com 200\$. De Clara e José Flores, 70\$, sendo 10\$ por alma de Alexandrina. Seis Libras de Rita Moutinho. Vários anónimos com 100\$, 50\$, 100\$ e 200\$. De «Os 20 Amigos da

PHILCO», 360\$. Da Calçada da Estrela, 150\$ em selos. Cem de Rio de Mouro. Igual quantia de Avintes. Maria da Conceição com 120\$, por alma de seus Pais. Vestuário e 100\$ mais 500\$, da Rua da Lapa, em Lisboa. Mil entregues, ao P.e Moura. Do Porto, cheque de 10 contos. «Por alma de Manuel», 100\$. «Zé Carola», comemorando o aniversário de casamento, lembrou-se de nós com 1.000\$. Pois que o Senhor lhe dê muitos mais anos de vida, em companhia de sua esposa. E 1.000\$ de Minerolusa. E mais esta prova de amor pela Obra da Rua, aquando do nosso aniversário, vinda de Francisco — Lisboa-5: «Os meus 37 anos, comemorando os vossos 37 anos».

E 640\$ da Missão Católica Portuguesa, em Hannover. Mais 1.500\$ da Avósinha de Santa Rita de Caldas da Rainha. 100\$ da Covilhã. Assi. 16264, com 360\$, sendo parte pró «Calvário». De um grupo de trabalhadores da Fábrica de Malhas do Ameal, 857\$50. Dez caixas com copos, do Centro Vidreiro do Norte de Portugal. Através de Abel Oliveira, 200\$. Sarzedas com 500\$. De Cantanhede, casal retornado de Moçambique, envia 50\$, com pena de não poder dar mais. E dez contos de Elvas, do Movimento Igualista Português.

A nossa gratidão a todos, por tudo o que nos dais.

Manuel Pinto

Os livros de Pai Américo

«Depois d'eu morrer é que vai ser...!» — afirmou Pai Américo, algumas vezes, na típica galhofeira, a propósito dos escritos que o Senhor lhe inspirou, no seu recorte original, já reunidos em dez volumes da nossa Editorial; não falando do que está ainda por compilar nas páginas de O GAIATO.

Isto vem a propósito de um cartão muito singelo, mas riquíssimo de conteúdo, proveniente de Lisboa. Aqui está:

(...) Além da assinatura do jornal, peço que aceitem também 250\$00 para a ajuda da impressão do livro do Padre Américo que fizeram o favor de me mandar.

Fico triste comigo mesmo, por mandar uma migalhinha

que a nada chega; mas, este ano, nada mais posso fazer. Eu não queria pagar o livro... Estão sempre tão actualizados, tão cheios de frescura, que parece sentir-me à beira de um regato, mesmo quando estou a ler coisas tristes! Parece que vejo, ainda, a figura do Padre Américo cheia de vigor, como quando falava, e que o tempo não passou...»

Este cartão é um documento. A alma não envelhece! Mesmo entre os Pobres, no meio das dificuldades, a gente vê, a cada passo, os Velhos darem lições de juventude d'alma aos Novos!

No caso vertente, fixemo-nos aqui: estes livros «estão sempre tão actualizados, tão cheios de frescura, que parece sentir-me à beira de um regato, mesmo quando estou a ler coisas tristes!»

Não é Poesia. Mas força de expressão que define a realidade do tempo, no Tempo. Daí o motivo porque as obras de Pai Américo «estão sempre actualizadas, cheias de frescura».

Ainda agora, ocupados na revisão do segundo volume do DOUTRINA — primeira edição, já no prelo — enquanto, como dantes, eliminamos vírgulas separando o sujeito do predicado..., valorizamos o riquíssimo e inconfundível português do Bié, quantas vezes a gente pára, escuta, como se estivéssemos «à beira de um regato, mesmo quando estamos a ler coisas tristes!»

São milhares a dizer assim. E poderiam ser milhões. Porque não?!

O segundo volume do DOUTRINA está no prelo. Do primeiro ainda temos quê. Assim como os restantes, do PAO DOS POBRES ao ISTO É A CASA DO GAIATO.

entenderem». A Caridade perfeita é assim mesmo.

Assinante 30059, de Torres Novas, «apesar de pobre» cumpre um voto e beneficia alguns Irmãos mais necessitados da Conferência.

Outra vez Lisboa: «Como de costume, aqui estou enviando a minha pequenina ajuda para os que muito precisam. Em vale do correio segue 100\$00».

«Lecista da Figueira», 100\$00. Quanto à colcha, o nosso P.e Carlos deu-lhe o destino indicado. Corações ao alto!

Assinante 17740, a remessa habitual. E parabéns antecipados. Por fim, temos «Uma Amiga de Algueirão» com o remanescente da assinatura de O GAIATO; e um agradecimento pelos «momentos de paz e amor que recebo através do nosso querido jornal, os quais tanto lenitivo trazem a todos os Portugueses que têm a felicidade de o ler».

Júlio Mendes

Em casa do Toninho

Subo umas escadas estreitinhas de pedra amarela e com buracos.

Ao entrar em casa deparo a meu lado esquerdo um gato preto de pelo macio a saltar com medo de cima da cama onde Toninho se encontra bastante doente.

A palha do colchão duro cai aos bocados no soalho e os cobertores são finos e poucos.

Na igreja da freguesia o relógio bate as horas num tom tristonho e arrastado. Dez horas em ponto!

Através duma janelita sem alguns vidros já vejo como a luz solar vai rasgando o denso nevoeiro duma manhã que se quer apresentar bonita e risonha.

No silêncio do quarto aproximo-me do Toninho e passo meigamente os meus dedos inquietos na fronte pálida e nos seus cabelos acastanhados. Mas... Toninho não consegue reconhecer-me!

— Trouxe-te bolachas para não tomares só café à hora do lanche. Deixo-tas em cima da mesinha de cabeceira — disse-lhe eu baixinho.

Mas... Toninho não me ouviu!

Seguidamente afasto-me dele uns metros e olho em meu redor. Um ambiente frio e monótono num quarto obscuro... e monótono também.

Lá ao fundo as brasas da lareira da cozinha ainda se encontram vivas e brilhantes. O fumo cinzento vai aquecendo as paredes húmidas da casa!

Numa mesa rústica está um bocado de boroa, uma faca e duas malgas por lavar, com borras de café!

Os pais foram trabalhar para o campo. Não sei ao certo quando voltam!

Com um olhar profundo e demorado digo adeus ao Toninho!

— Amanhã tenho que vir cá saber novas da tua saúde!

Manuel Amândio

A lição

Corvos que cantam
Trigal de Van Gogh.

Batuta de maestro
Pincel de pintor.

Pegou na batuta
E começou a ensaiar.

Peguei no pincel
E comecei a pintar.

Composição de sons
Combinação de cores.

Sons melódiosos
Cores quentes.

Sons fortes
Cores frias.

Pintura!...
Música!...

Luís Augusto

LAR DO PORTO

A DROGA — Um tema que está na ordem do dia e, julgo, está já a cansar as pessoas, é a droga. Mas, o seu porigo é permanente e as Escolas são as mais directamente afectadas pelo seu poder de infiltração nos jovens que, inconscientemente e talvez mal acompanhados na vida, vão tornando a nossa sociedade num fosso de desequilíbrios e interrogações constantes.

Para que o nosso futuro não esteja seriamente comprometido, seria necessário trabalhar-se mais, para uma maior consciencialização de todos e, principalmente, daqueles que nos próximos dez ou vinte anos, sentirão o peso da responsabilidade dos desvios na sua juventude. Porém, quer seja em Portugal ou noutro país qualquer, o que está por detrás disto tudo é a falta de amor entre os homens, que sem ele nada farão de útil para a construção de uma Sociedade livre e equilibrada.

PEDIDOS — Pedimos um ferro de eugomar para solucionarmos uma falta premente, no Lar.

E como um nosso companheiro anda às voltas com a Electricidade e a Electrónica, necessita de livros e revistas técnicas nacionais ou estrangeiras, pois são muito caras no mercado.

Por fim, um recado do meu irmão: «Para me desenvolver e aperfeiçoar mais na pintura durante as minhas horas livres, solicito a vossa colaboração. Os senhores e as senhoras terão, em vossas casas, alguns pincéis, restos de tintas a óleo ou outros materiais destinados à pintura artística que não vos façam falta?»

Se assim for, tenham a bondade de os oferecer, entregando-os na Rua D. João IV, 682, Porto.

Aguardo uma resposta. Muito obrigado.»

Manuel Mendes

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA pág.

todos e o amor e a delicadeza com que visitava os filhos. Recordo as cartas de Mãe que lhes escrevia. Recordo o dia em que pôde de novo juntar os filhos em sua casa e à sua mesa. Recordo a última vez que passei naquela casa e o Jorge me disse o dia de seu casamento e a cara com que ficou e os argumentos que me apresentou quando lhe disse que naquele domingo eram os nossos peditórios nas Missas da Figueira da Foz. Quero continuar a recordar o que for de recordar e quero esquecer e peço a Deus que me ajude a esquecer o que não vale a pena recordar. Feliz todo aquele que confia. Benditas mães, (e benditos pais) para quem os filhos são um dom de Deus!

Padre Horácio

Júlio Mendes

PENSÃO SOCIAL

Os Meios de Comunicação Social publicaram com o maior relevo — já não era sem tempo; foi um progresso! — uma nota oficiosa revelando que decorre entre Fevereiro e fins de Abril o prazo de requerimento de pensões sociais para a Terceira Idade, para pessoas não abrangidas pelo esquema da Previdência.

Como voz dos sem-voz, O GAIATO não pode deixar de se regozijar, de dar também merecido relevo à decisão.

Ao menos, será uma tijela de caldo para milhares de Marginais, em clamorosa situação de injustiça.

Dizemo-lo com propriedade, na medida em que há muitos anos, como recoveiros dos Pobres, nos debruçamos sobre as gravíssimas carências sociais, especificamente do meio rural — o País autêntico que dificilmente tem «encaixado» no Terreiro do Paço, por subalternidades de vária ordem.

Não tenhamos dúvida, grande percentagem da Terceira Idade, marginalizada, está no interior do País.

Vamos à nota oficiosa:

«A melhoria das condições de existência da população idosa vem constituindo preocupação crescente e praticamente universal nos diferentes sistemas de segurança social.

Se a realização dos direitos sociais fundamentais dos idosos constitui tarefa complexa da política social, mesmo nas sociedades economicamente mais desenvolvidas, tal objectivo representa um desafio para os países economicamente mais débeis.

É iniludível que as condições de vida da população idosa portuguesa, além de marcadas pelo peso dos factores económicos, foram sendo crescentemente agudizadas pelos impactos negativos de uma ausência de qualquer política definida da Terceira Idade, ao longo de várias décadas.

Assim, da marginalização social dos idosos à quase nula garantia dos seus direitos, passando por montantes de reformas ou pensões extremamente baixos e discriminatórios e ainda pela falta ou inaceitável qualidade dos equipamentos sociais, eis alguns dos resultados de longo tempo de incúria, a que a opinião pública, em geral, e os idosos, em

particular, têm sido muito justamente sensíveis.

O Governo afirma inequivocamente aceitar o desafio da dignificação da existência da população idosa, em termos da promoção de uma política da Terceira Idade, que garanta uma vida digna a essa população.

O Ministério dos Assuntos Sociais está ciente de que a dignidade das condições de existência da velhice, em qualquer sociedade, não admite improvisações. O que se descurou ao longo de gerações é materialmente insanável de uma só vez.

No prosseguimento gradual, mas firme, do programa do Governo, a Secretaria de Estado da Segurança Social, ciente das injustas condições de vida de considerável contingente de cidadãos, em situações de falta de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho, com vista à generalização da pensão social a toda a população, com mais de 65 anos de idade, com carência ou em situação de invalidez, não abrangida por quaisquer esquemas de previdência social, convida as pessoas nas condições referidas, e que ainda não a requereram, a fazerem a sua inscrição desde 1 de Fevereiro até 30 de Abril do corrente ano, na Caixa Nacional de Pensões, Campo Grande, n.º 6, Lisboa, mediante a apresentação ou remessa dos seguintes documentos: cer-

tidão de nascimento narrativa simples e atestado da Junta de Freguesia, que comprove a natureza e o quantitativo dos seus rendimentos.»

Tudo muito certo. Só não concordamos com o prazo.

Temos de nos situar no País que somos; de avaliar as carências de que, injustamente, são vítimas os estratos da população que podem auferir um direito só agora reconhecido.

Uma delas, senão a maior, é o analfabetismo. De maneira que o prazo, logicamente indispensável à correcta planificação ou programação de acções, aqui, peca pelo exagero. A justiça pode gerar injustiças mais graves; sacrificar os mais carecidos, os mais abandonados — os verdadeiros Marginais!

Concordaríamos, relativamente, com o prazo, desde que a decisão previsse uma acção concertada; em que, por exemplo, os responsáveis pela gestão das

Juntas de Freguesia — agora escolhidas pelo Povo — fossem obrigados, eles mesmos, conhecedores do meio, a fazer o censo documentado da sua paróquia e a remetê-lo à Caixa Nacional de Pensões. Seria, inclusivé, a humanização de um serviço burocrático de que não foram dispensados oficialmente...

Não é paternalismo. Temos de conhecer o País que somos!

Além do mais, supomos, teríamos, assim, uma simplificação do trabalho em toda a linha.

P. S. — Já que estamos com a mão na massa, fazemos daqui uma chamada aos Párocos — nossos leitores — para que do Altar abaixo esclareçam os fiéis sobre a pensão social.

E, de mãos dadas, os leigos conscientes, vicentinos, etc., — todos os homens de boa vontade — façam em cada freguesia aquilo mesmo que os Pobres, com mais de 65 anos, não possam fazer: tratar-lhes da papelada e encaminhá-la para a Caixa Nacional de Pensões.

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres!»

Júlio Mendes

PARTILHANDO

Agora mesmo fui abordado pelo grupo dos mais pequeninos — aqueles mesmos que no Redondo dão lições de desporto seja a quem for e com qualquer bola!

Vieram protestar violentamente contra uma «seita» de colegas um pouco mais crescidos por estes terem batido em três do seu pequenino grupo. Ora vejam lá!

Ouvi as razões e, claro, dei-lhes razão pelo simples facto de não haver nada de grave que justificasse a atitude antipática da dita «seita».

Apenas lhes disse que deixassem isso pra lá que eu iria tratar-lhes da «seita». Imediatamente lhes caiu do rosto o véu do protesto e recuperaram a serenidade perdida, voltando para o seu posto de trabalho. Desconheço ainda neste momento, as desculpas que os provocadores do conflito irão apresentar. As que não viérem no «rolex», serão talvez as mais importantes. E só o nome de «seita» que logo cheira a esturro! Ou não fossem alguns Meios de Comunicação Social, noutros tempos e ainda agora, um veículo fácil de transmissões «fáceis» de certos tipos de violência que mancham o rosto da grande Família Humana, através da imagem, da palavra, da letra, dos conceitos falsos de vida cuja agonia se reveste de pacata lentidão. Toda essa literatura falsa que mostra a necessidade da violência, do terror e da guerra como um sinal de superioridade, quando morrerá?... Por si só, não vai. É preciso substituí-la e destruí-la então! São vítimas as crianças e os

adulto, também, com a agravante de serem eles os causadores de tal.

Se os Meios de Comunicação Social estivessem hoje, só ao serviço da verdade, da dignidade e da promoção humanas, seriam bem capazes de ajudar a destruir, sem qualquer nostalgia, esse móbil daninho — o dinheiro feito alienação e vice-versa — que atrapalha tudo e todos.

Como o sonho de dias melhores é ainda tão enxovalhado nos nossos dias! Ao menos que os tempos não voltem atrás, já que temos tanto para andar e ninguém queira as recaídas sempre tão funestas, principalmente tratando-se de «doenças» graves.

Afinal, as «seitas» são uma brincadeira. Porém, se esquecermos que o mal e os seus aliados nascem sempre de um bem ou desejos de bem que vão murchoando e morrendo, estamos a dar também o nosso contributo ingénuo para que a vida não se transforme já em algo mais e mais.

A todos nós e de uma maneira especial àqueles que mais de perto trabalham na informação, na educação, na evangelização e no aproveitamento dos tempos livres das pessoas, pertence acabar com o fantasma da violência pela violência que só empobrece a mente das crianças e... não só, ao ser-lhes criada a imagem terrível do culto do nada pelo nada. É que, se não, continuaremos sempre pobres e principalmente de espírito. Que escândalo, não é?!

Padre Moura

Terceira idade

Cont. da 1.ª pág.

(três mil escudos por mês) e também no caso de falecimento, deixaria todo o meu espólio a essa Casa, que me tratasse em vida, que nunca seria inferior a 50.000\$00 (cinquenta mil escudos). O meu caso é este: vivo em quarto, só e quando estou doente as donas de casa e os donos não querem saber, nem mesmo um chá pedido e pagando, não o fazem porque não querem chatices nem incómodos. Uma pessoa doente quer ir para o Hospital para ser então assistido, não há vagas e andamos nestas andanças que morremos sem assistência. Temos que nos levantar doentes, com febre, para recorrer à procura da nossa alimentação.

Creia-me que tudo o que digo aqui, ainda é mais negro do que o meu desabafo nesta carta. Por isso vinha pedir a V. ajuda para o meu caso, que na questão material não ficio pesado a essa organização humana defensora dos velhos e dos gaiatos.

Sem outro assunto aguardo as V. informações que muito agradeço...»

Padre Carlos

Festas

Cont. da 1.ª pág.

Se nós fomos a todo o lado aonde poderíamos ir, não faríamos senão Festas na roda do ano! A malta no princípio nunca se cansa e quer abraçar o mundo todo. Mas depois começa a acusar fadiga e é a vida de sempre que sofre as consequências.

Por isso eu estou já armando barricada para resistir às solicitações de fora e de dentro à dispersão.

Uma coisa é certa: este ano há Festa no Norte. Atenção onde ela for. E vamos todos à Festa!

Padre Carlos

Estão, já, confirmadas as seguintes datas:

- 9 de Março — Teatro S. Martinho — PENAFIEL
- 11 » » — Cine-Teatro — AMARANTE
- 16 » » — Teatro S. Pedro — ESPINHO
- 18 » » — Teatro Aveirense — AVEIRO
- 21 » » — Cine-Teatro Augusto Correia V. N. FAMALICÃO
- 24 » » — COLISEU DO PORTO
- 26 » » — Cine-Teatro João Verde — MONÇÃO
- 28 » » — Cine-Teatro Santa Maria — ARRIFANA
- 30 » » — Cinema S. Geraldo — BRAGA
- 1 de Abril — Cine-Teatro Ribeiro Conceição LAMEGO
- 4 » » — Teatro Circo — VILA REAL



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa